

Jornalismo e literatura: hibridismos culturais no comentário

José Ferreira Júnior¹, Larissa Leda F. Rocha²

Resumo: O jornalismo contemporâneo, especificamente o opinativo, apresenta-se hoje como um lugar privilegiado para o empréstimo, trocas e doações entre a literatura e o jornalismo. A narrativa híbrida, que vem daí, propõe que se tire os trajes formais do jornalismo opinativo editorialista ou mesmo das matérias diárias, para vestir a informação de modo mais informal, trazendo personalidade e sensibilidade. Trata-se de uma hibridização de fronteiras. Discutindo ainda a questão em torno do real no jornalismo e novos formatos de produção textual, este trabalho traz como objeto de análise o gênero do comentário, exemplificado na obra do jornalista Josias de Souza e a fase concreta do poeta Haroldo de Campos.

Palavras-chaves: hibridismo; jornalismo; literatura; migração conceitual

Abstract: The modern journalism, specifically the opinion one, it should today as in a special position in lending, exchanging and donating to literature and journalism. The mixtured description comes from the intention of taking off the formal environment from editing opinion journalism or even from the daily news, to take on the information in an informal way bringing personality and sensitively. It is about a boundary mixture. Discussing the point about what is real in journalism and new text productions styles, this work brings a study about comment analysed in Josias de Souza production and at concrete phase of the poet Haroldo de Campos.

Keywords: mixture; journalism; literature; conceptual migration

1 Professor da Universidade Federal do Maranhão. É mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, pós-doutor pela Universidade de São Paulo (USP). É coordenador do Diretório de Pesquisa Comunicação Mediática e Institucional, certificado pela Universidade Federal do Maranhão e pelo CNPq. Autor dos livros "Arena da palavra" e "Capas de jornal", além de artigos publicados em periódicos e em anais diversos congressos.

2 Professora da Faculdade São Luís (São Luís-MA) e mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense, onde foi pesquisadora bolsista. É pesquisadora do Diretório de Pesquisa Comunicação Mediática e Institucional, certificado pela Universidade Federal do Maranhão e pelo CNPq. Possui artigos publicados em anais de congressos como Interecom e SBPjor.

Ainda que jornalistas, escritores e teóricos se queixem – e critiquem – um certo afastamento entre literatura e jornalismo, tal ação não parece nem corresponder ao que é possível de ser observado no discurso jornalístico e em suas narrativas de hoje, nem ao que parece ser um caminho desejável diante de uma mídia que ao distribuir a informação já o faz a um público que precisa de algo a mais do que o *lead*.

As críticas e juras de afastamento³, se dão seja pela denúncia do empobrecimento dos textos jornalísticos, ausência de leitores para um material mais sofisticado ou a ausência de espaço no jornalismo dado à literatura em sua forma direta. Ora, sempre será possível encontrar pensadores dedicados a pontuar as divergências e as separações entre literatura e jornalismo e, de modo algum, ousamos afirmar que elas não existam – a exatidão do jornalismo, por exemplo, afasta-se da narrativa literária, bem como sua dependência excessiva a um certo mito de narrar a realidade. No entanto, há um coro expressivo de pensadores que se debruçam sobre a questão que a pensa de modo inversamente proporcional e é com eles que nos filiamos.

Sim, o texto jornalístico pode usar elementos próprios da literatura para dar àquele discurso uma nova plástica, nova roupagem e, se nos permitem a metáfora, despir a informação do terno e gravata enrijecido, formal do jornalismo editorial e das matérias jornalísticas diárias e vesti-la com roupas de banho, trazendo informalidade, pessoalidade e sensibilidade, tão próprias a formatos como o comentário e a crônica. Não se trata apenas de usar elementos próprios da literatura, mas de permitir uma hibridização de fronteiras, uma mestiçagem que plasma novas negociações de sentido e oferece ao leitor algo além de um texto marcado pelo rigor do mito da verdade e que o respeita em sua capacidade receptiva e intelectual.

Mesmo as experiências mais extremas de narrações híbridas como o *New Journalism*⁴ – o jornalismo literário norte-americano, cujo manifesto mais contundente do gênero foi escrito por Tom Wolfe no ano de 1973, tendo o movimento se mostrado a partir de 1960 com nomes como Truman Capote – onde se faz um relato

3 Sobre o assunto, ver: PIZA, D. *Jornalismo e literatura: dois gêneros separados pela mesma língua*. In: CASTRO, G., GALENO, A. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

4 Sobre o assunto, ver: RESENDE, F. *Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de tom wolfe*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002. Ou ainda ver: PENA, F. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

jornalístico marcado pela presença mais de verossimilhança do que de realidade, ou ainda o Realismo Fantástico – movimento literário latino-americano de autores como Gabriel Garcia Márquez e Mário Vargas Llosa que mistura narrativas fantásticas a elementos reais – é preciso admitir que a vida vivida, a vida real, é a inspiração para relatos jornalísticos, literários ou híbridos. Como nos lembra Ventura (2001, p. 41-42), ‘Dizia-se: o jornalista trabalha com a realidade, sua matéria-prima é o real, concreto e verdadeiro. Já a literatura usa como material a ficção. Era um esquema, e funcionava. Hoje as coisas estão mais complicadas’. E completa mais adiante ‘ao embaralhar tudo isso, enriqueceram os dois conceitos: (...) Literatura e (...) Jornalismo’.

O conceito de real é profundamente pantanoso, bem como as possibilidades do jornalismo de narrá-lo ou mesmo de representá-lo. O discurso jornalístico, é coerente afirmar, por mais que tenha vocação para narrar um real está, permanentemente, recheado de contornos ficcionais. E isso é explicado por vários aspectos, dos quais citaremos apenas alguns. Sem precisar entrar em polêmicas filosóficas, é possível afirmar que a realidade carrega em si a idéia de mudança permanente, logo o princípio de sua própria contradição, desencadeando um processo de transformação constante. ‘A linguagem, ao tentar representar o real, funciona como mediadora da relação dialética entre sujeito e mundo real em contínua mudança’ (SATO, 2002, p. 30). O real e sua verdade, buscados obsessivamente pelo jornalismo – ao menos como mito – são inalcançáveis. Montase por tramas e recortes, escolhas e conexões, por ocultar e mostrar. Silva (2002, p. 49) nos diz que o jornalismo precisa falar do que é verdadeiro, com verossimilhança, mas lembra que ‘por trás do texto, escrito, há outro texto, inscrito. Por trás do tema, descrito, existem outros assuntos, transcritos. Só é verossímil aquilo que, ao expressar-se, inclui alguma falsidade, uma deformação (de forma ação)’.

Apagar as marcas do sujeito, como faz o jornalismo ao narrar sempre na terceira pessoa garantindo a impessoalidade do discurso, produz uma fala esvaziada, que oculta o processo social de criação da notícia e cria um efeito de objetividade, uma ilusão de autonomia. Efeito falso, este. O relato jornalístico é ficcional ao, por exemplo, causar a impressão de que o evento está acontecendo no momento da leitura, valorizando-se o instante – o que é potencializado sobremaneira em tempos de jornalismo *on-line* marcados pela ausência de *deadline* e novas configurações espaço-temporais. É também ficcional

ao ocultar os esquemas para captação de notícias, o que inclui o uso das fontes que podem constituir posições estereotipadas – e em geral, o fazem. A consulta às fontes, a ação, frequentemente, não aparece, ou seja, mostra-se ‘apenas a linguagem, como esforço, como redundância. A notícia, como procedimento teórico, levou a tipificações que redundaram em editorias que direcionam o público ao colocar um fato neste ou naquele rótulo’ (SATO, 2002, p. 32). Dito de outra maneira: as formas de ver do jornalista constroem uma realidade, esta passada como verdade ao público. Estes profissionais trabalham com o acontecido presente em um passado imediato, mas o que contam não é a realidade, mas sua representação e ela vem carregada fortemente pela subjetividade de quem vê. Ora, o ser humano não expõe, puramente, as coisas. O jornalismo não é um espelho, o discurso jornalístico não é o real.

O jornalismo está sempre em um presente, narrando o que é passado, porém um passado muito próximo, atual. Faz uma reconstrução desse passado, mas sem jamais conseguir recuperar o real em sua totalidade. Enquanto a literatura pode transfigurar a *pessoa real* em personagem fictícia, utilizando-se do real possível, o jornalismo busca o real/verdade para compor a narrativa, mas enfrenta a influência de conhecimentos anteriores, de conceitos pré-concebidos, de histórias de vida, de experiências que antecederam o fato. (...) A verossimilhança pode ocupar o lugar da verdade como matéria-prima do texto jornalístico’ (VICCHIATTI, 2005, p. 92).

Como nos diz Silva (2002, p. 116) ao falar sobre coberturas jornalísticas de guerra, ‘a ficção quando bem manejada oferece uma saudável irresponsabilidade’. Seguindo o autor, ao não alertar para as pessoas – as fontes – com as quais conversa que é um jornalista, a face mais verdadeira da guerra – da notícia – pode oferecer-se a ele, já que ‘a ficção é a história clandestina das sociedades, as versões desautorizadas, livres de qualquer censura ou fronteiras’. No que concorda Menezes (2002, p. 166): ‘acho que, muitas vezes, a percepção da presença de jornalistas em determinados locais pode mudar os rumos de determinada história’. O curioso é que o autor não está referindo-se à presença do jornalista como um catalizador para o aparecimento da verdade, mas justamente ao seu ocultamento, sua reconfiguração, sua ficcionalização.

Não é objetivo deste trabalho focar suas atenções nos complexos conceitos de realidade, ficção, verossimilhança e veracidade, apesar de compreendermos a importância dos mesmos para a discussão. Queremos mais nos preocupar em indicar o hibridismo narrativo entre literatura e jornalismo e, para isso, usar como objeto de análise parte da obra do jornalista Josias de Souza, do portal UOL e do jornal Folha de S. Paulo⁵.

As certezas que nos orientavam há pouco tempo atrás, identificando de um lado o discurso do real – fornecido pelo jornalismo – e de outro, oposto, o discurso do ficcional – responsabilidade da literatura – nos abandonaram. Em seu lugar surgem questões que apontam para uma outra proposta narrativa, um jornalismo permeado pela literatura, que se mistura com ela e mantém um relacionamento marcado por doações e empréstimos de um a outro. Pena (2006, p. 13) nos aponta logo de saída a complexidade instaurada na questão e a amplitude da procura por um conceito de jornalismo literário:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar peixe na feira.

É ainda Pena (2006) que nos atenta para as várias conceituações e classificações que jornalismo literário pode ter, variando conforme o autor, ou grupos de autores, que se dedica a pensar a questão. Inicialmente, o jornalismo literário pode ser relacionado a determinado momento histórico onde escritores assumiam, nos jornais, funções de cronistas, autores de folhetins, editores, o que remonta ao século XIX. Pode ser entendido como críticas ou resenhas feitas sobre obras literárias publicadas nos jornais. Pode ser ainda o *New Journalism*, já citado neste trabalho, ou ainda textos que incluem biogra-

5 Josias de Souza é jornalista desde 1984 e está no grupo Folha há 20 anos. Tem publicado o livro "A história real", de 1994, em parceria com Gilberto Dimenstein. A obra revela os bastidores da primeira eleição de Fernando Henrique Cardoso à Presidência da República. É ainda ganhador do Prêmio Esso de Jornalismo de 2001 com a série de reportagens batizada de "Os papéis secretos do exército", publicada na Folha de S. Paulo.

fias, romances-reportagens e ficção jornalística. O autor debruça-se para trabalhar cada uma das classificações, a nós interessa mais neste momento pensar no jornalismo opinativo e, mais especificamente, no comentário como palco privilegiado onde acontecem as apropriações, empréstimos e doações que podem ser feitas do jornalismo à literatura e vice-versa.

Sim, literatura e jornalismo são territórios diferentes, não são a mesma coisa. Mas o que os separa é, por vezes, mais frágil do que o que os une. Apropriações e entrelaçamentos mostram-se a todo instante e nem precisamos sair dos jornais diários para ver isto. Exercícios jornalísticos como a crônica e o comentário, por exemplo, tem a ousadia de nos apresentar, quase cotidianamente que é possível usar os pontos de intersecção entre ambos para a construção de uma narrativa híbrida, até porque, é menos inibidor à informação mostrar-se mais leve, menos enrijecida e pouco audaciosa em qualquer forma de experimentação quando se apresenta como jornalismo opinativo.

Vicchiatti (2005) nos diz que o jornalismo, pode ao mesmo tempo ser fiel aos fatos e avançar no uso de elementos da literatura, o que não faz com que os textos percam características próprias da narrativa jornalística. Tirar o paletó do jornalismo editorial, da matéria jornalística diária – massacrada, podemos dizer, pelo lead – e vestir a narrativa com roupa de banho, permite que regras básicas e conceituais sejam respeitadas, e ainda sejam somadas certa dose de qualidade e vida aos trabalhos. Os textos tornam-se mais humanos.

O que ocorre na construção dessa narrativa híbrida é a busca da arquitetura textual complexa da literatura para retratar a informação factual característica do jornalismo. O uso de elementos da literatura não implica a alteração das características intrínsecas ao texto jornalístico. (VICCHIATTI, 2005, p. 87).

São em exercícios jornalísticos como a crônica e o comentário que podemos ver com mais facilidade o encontro dos gêneros. Naturalmente, o jornalismo opinativo dá-se melhor nesse encontro, pois não é tão massacrado pelos rigores técnicos do jornalismo, pelas exigências da produção de um discurso colado ao real. A ótica e a ética do jornalismo opinativo são outras, mais livres, mais libertárias, deixando claro que não estamos aqui falando de um jornalismo opi-

nativo editorialista, este também sufocado pelos rigores das técnicas jornalísticas e comprometimentos editoriais do veículo. Busca-se em comentários e crônicas não o narrar urgente dos fatos – apesar de ser a atualidade também uma de suas características – senão mais um determinado tipo de olhar, uma certa forma de interpretação, o desvelar de certas tramas que envolvem os acontecimentos. O modo como comentários e crônicas, por exemplo, apropriam-se do mundo real, suas interações com ele e a forma como o expõe aos leitores fazem toda a diferença.

Focaremos nossa atenção, a partir daqui, mais no comentário, estilo exercido pelo jornalista Josias de Souza, cujos textos são objeto de nossa análise. Marques de Melo (2003) nos aponta não apenas características inerentes ao jornalista que opta pelo comentário, mas as próprias características do tipo textual. O comentarista é o ‘juiz da coisa pública. Opina sem impor. Opina sem paixão. Conduz sem se alinhar’ (MELO, 2003, p. 113). Funciona como um líder de opinião, com farta bagagem cultural, logo capaz de emitir opiniões e valores a respeito de acontecimentos que são do conhecimento de todos, é um observador privilegiado, e um observador que procura manter certo distanciamento das ocorrências.

O foco orientador não é a postura do veículo, a opinião expressada não é editorialista. Há uma tônica de independência em relação à linha editorial. O cidadão comum o busca justamente por esta sua característica. A capacidade de ler o cenário contemporâneo, apresentando uma possibilidade de compreensão e valoração, oferecendo um modo coerente para comportar-se diante dos fatos, é profundamente sedutor para o público que procura formas de interpretação dos fatos que se desenvolvem no espaço público.

O comentário trata do acontecimento recente, real. Nem sempre apresenta uma opinião explícita, mostrando-se também pelo raciocínio apresentado, pelos caminhos da argumentação. O comentarista precisa ser alguém muito bem formado, já que deve julgar os acontecimentos velozmente e prever algumas de suas conseqüências. ‘O ofício do comentarista é justamente estabelecer o nexos que liga os fatos. E estes só adquirem sentido no tempo’ (MELO, 2003, p. 115). Ver além da primeira aparência é o maior desafio do comentário, o que exige do jornalista sintonização constante com suas fontes. E, apesar de exigir especialização – não há comentaristas de assuntos gerais – o comentário, raras vezes, apresenta-se de modo conclusivo.

Mais livre que o editorial, o comentário, de acordo com Melo (2003), estrutura-se em duas partes. Inicialmente é feita uma síntese do fato e a enunciação de seu significado e posteriormente é apresentada a argumentação que sugere seu julgamento. E este fato, sob o qual se debruça, não precisa, necessariamente, ser o mais importante da pauta do jornal, fatos de menor abrangência podem merecer ser foco de um comentário. Sendo uma narrativa do cotidiano, o comentário possui suas especificidades, como manter uma conexão muito próxima com a atualidade, 'sendo produzido em cima dos fatos que estão ocorrendo. Vem junto com a própria notícia. Por isso, é difícil de ser realizado, exigindo muita argúcia no sentido de evitar prognósticos não confirmáveis' (MELO, 2003, p. 115).

O comentário só consegue fluir, pois, em um ambiente de liberdade de expressão. Eis, então, que tenha sido um gênero sufocado até à morte durante os anos de ditadura militar no Brasil. Não apenas a censura era responsável por tal efeito, mas também o fechamento das fontes de informação. Com a abertura política, o comentário volta a ser praticado no jornalismo, com força. Por suas características e liberdade quanto à linha editorial dos veículos, o comentário mostra-se como um lugar privilegiado para pensarmos em um texto que, ainda obedecendo às regras jornalísticas, ousa ir além e hibridizar-se com a literatura, promovendo um balé equilibrado entre um e outro onde as experimentações são bem-vindas.

Morin (1995) e (2000) nos fala sobre um migrar de conceitos, de uma complementaridade entre uma coisa e outra que empresta complexidade à sociedade, de um certo relacionamento, contexto de informações. O conhecimento organiza a informação em um contexto e confronta as idéias em um conjunto.

O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto delas. (...) Os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmagô da vida (MORIN, 2000, p. 16-17).

Já os conceitos, afirma, viajam e é este movimento que os mantém vivos. É justamente o seu movimento, sua movimentação

– clandestina ou não – que dá oxigênio às disciplinas, que dá vida, evitando um congestionamento da ciência. É a troca, esse ir e vir, esse contaminar-se no processo, mas deixar de si, que mantém vivo. Eis, também o que a literatura e o jornalismo têm a ganhar quando permitem viagens de conceitos, estruturas e técnicas: vida!

O alvorecer desse paradigma nos leva a lugares de observação nos quais o exame do comentário – pensado, estruturado e escrito à maneira da poesia concreta, no caso de Josias de Souza – precisa, necessariamente, estar situado em ambiente interdisciplinar, porque a leitura e a análise de tal peça são um exercício para o qual o olhar crítico tem de estar amalgamado com a Teoria Literária, o Design Gráfico e a Estética Informacional, da qual são expoentes Max Bense (1975) e Abraham Moles (1987).

Sem se furtar ao compromisso com a análise, Josias de Souza estrutura o comentário em uma tessitura na qual brotam arquiteturas visuais cuja função é dilatar os efeitos que a leitura produz, contidos no plano semântico. Ou seja: a análise do cenário presente e as “apostas” para o futuro são feitas, nesses momentos, com recursos literários, alterando a rotina e sinalizando para as novas formas de organizar o texto verbal-escrito.

O jornalista já vem há tempos exercitando essas pequenas ousadias formais. Há exemplos de tal prática no comentário que Josias de Souza assinava na página 2, no primeiro caderno, da Folha de S. Paulo, hábito que manteve no *blog* (portão UOL), sendo ainda mais freqüente.

É acentuatadamente emblemático o comentário, postado em 1º de janeiro de 2006, cujo tema era “um balanço” do ano anterior, caracterizado pela denúncia de pagamento sistemático, em dinheiro vivo, a parlamentares aliados ao governo federal – o famoso escândalo do mensalão. O texto se assemelha a um poema de Haroldo de Campos, Galáxias, cuja cadeia de significantes, aliado a sonoridade traz consigo a idéia de *continuum*, razão pela qual cabe a analogia como matéria de reflexão acerca do avizinhamento entre jornalismo e literatura no plano da tessitura construtiva.

Vejamos o início do poema da fase concretista de Haroldo de Campos:

e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso
e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa

não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso começo escrever mil páginas escrever milumpáginas para acabar com a escritura para começar com a escritura para acabarcomeçar com a escritura por isso recomeço por isso arremeço por isso teço escrever sobre escrever é o futuro do escrever sobrescrevo sobrescravo em milumanoites miluma-páginas ou uma página em uma noite que é o mesmo noites e páginas mesmam ensimesmam onde o fim é o começo

Todo esforço é concentrado na sonoridade, na espacialidade, sem negligenciar o aspecto da movimentação de arranjos verbais, configurando-se tudo naquilo que o próprio Haroldo de Campos intitulava de poema verbivocovisual.

Observemos o texto opinativo de Josias de Souza:

2005, um ano do “C”...

No Planalto

Canalocracia. Casa Civil conspurcada. Comissário chefiando camarilha. Cruza de convento com cabaré. Conjunção carnal. Cônjuges convenientes. Concubinato caro. Coligação comprada. Corrupção centuplicada. Chaga. Câncer. Cancro. Camorra. Coletas. Contas-correntes. Cofres cercados. Caixa caudalo\$.

Companheirada com comichão. Contra-revolução do contracheque. Camundongos na colméia. Casta de carrapatos. Canaã corporativa. Colosso. Cada centímetro coletivizado. Cosmopolitismo caipira. Conforto. Colchas de cetim. Chambre. Caviar. Champanhe. Churras-cadas. Conhaque. Charutos cubanos. Catarse.

Congresso carcomido. Comprometimento. Contramão. Contravenção. Cooptação. Clientela congênita. Coleira. Cabresto. Continuidade. Corpo a corpo. Conluio à contraluz. Conchavos condenáveis. Costuras de convés. Cambalachos chulos. Convicções corcundas. Cueca carregada. Careca comprometido. Cachês cabeludos. Cheques compensados. Consórcio comissionado. Controle.

Confiança contrariada. Corifeu conta. Canta coro consistente. Carta-da cabal. Conspiração de côcheira. Castidade comprometida. Correia. Curto circuito. Confusão. Controvérsia. Cochichos. Confidências. Coações. Cizânia. Conflito. Colisão. Cisma. Choque. Camorra conflagrada. Constrangimento. Citados, coadjuvantes confessam. Cobaias.

Contrição cênica. Comandante cego? Cilada de camaradas? Cascata. Comédia. Cinismo. Cabotinismo. Cambalacho. Coreografia caricata. Conversa cerebrina. Cenho crispado. Cara de cedro. Conhece as cereanias, claro. Condescendência consciente. Caos consentido. Contemplação cínica. Contemporização canhestra. Cumplicidade. Cadê os conspiradores?

Clamor contra a cambada. Cólera: camburão, cadeia, calabouço, casete, carnificina. Cenário corrosivo. Consumição. Conjuntura congestionada. Chicanas. Camaradagens. Camuflagens. Convalidações. Cafajestadas. Cachorradas. Cacarejos. Cassações cadentes. Corretivos capengas. Caçoadas conhecidas. Circo contumaz.

Carnaval 2006. Costume cronológico. Consagração. Coroamento. Clichês. Cordões. Coreografias. Confetes. Colombinas. Cabochas. Cerveja. Cachaça. Concórdia... Camaradagem contagiante. Contentamento coletivo. Consciências caladas.

Convulsão contida. Conformismo. Candidez. Continuidade. Cidadania congelada. Crise caduca, convalescente. Ceticismo. Cinzas. Calvário. 2005 do “C”... Cheiro a carniça. Chega!

Há, sem dúvida, convergências no aspecto formal, ressaltando-se, obviamente, os objetivos distintos na instância da produção de sentidos. Trata-se da materialização da proposta moriniana da migração conceitual, atitude com a qual a ciência de oxigena, conceituação universalista cuja credencial está, justamente, na inteireza e na consciência na construção analógica. O pressuposto alicerçador não estaria longe daquilo enunciado pelo poeta Antonio Machado, citado por Morín (1987): ‘Caminante no hay camino, se hace camino no caminhar’.

O texto de Josias de Souza esquiva-se do lugar-comum, tentação da qual não escapam os comentaristas em datas como a passagem de ano. É o tempo das retrospectivas, no calendário jornalístico, cuja “gramática” sofre ligeiras mudanças de veículo para veículo de comunicação, conservando-se a forma cronológica e o apelo a temas rotineiros: celebridades, catástrofes, festas, etc.

Se nos postarmos, de outro modo, diante dos movimentos literários, veremos enunciados com viés político, com ênfase na formulação implícita. A construção textual, em bases inovadoras, foi uma

constante das chamadas vanguardas, sobretudo ao longo do século XX, cuja expressão variou conforme o projeto poético, as injunções políticas, o nível de experimentação socialmente aceita.

É importante não perder de vista que, nesse caso, não há hegemonia de centros econômicos que, quase sempre, ditam também o repertório cultural. Para Amalio Pinheiro, experimentações como as do poeta chileno Vicente Huidobro adiantaram-se a outras, mais intensamente divulgadas, como as de Apollinaire. Pinheiro vê, na obra de Huidobro, os elementos para uma idéia de vanguarda diferente daquela habitualmente apresentada.

É importante que se note o fato de que o poeta chileno, ao invés de remeter a modernidade, pelo processo de similaridade regressiva, ao encantamento mecânico e futuro-fascistóide de si mesma (feito de acréscimos temáticos), repensa-a em termos de arranjos de seus materiais, da conexão entre seus códigos. (PINHEIRO, 1990, p. 64).

Se não hierarquização por parte dos centros hegemônicos, no plano da literatura, tampouco se pode afirmar que haja, na esfera do jornalismo, posturas submissas, pelo menos no âmbito da forma, aos núcleos de poder político e econômico. Um exemplo significativo é a programação visual de alguns jornais brasileiros que, aqui e acolá, destacam-se no plano internacional, ganhando prêmios e consolidando estilos.

Todo esse aspecto colateral está, explicitamente, manifesto nos comentários de Josias de Souza, cujo diálogo se mostra à medida que nos faz lembrar de manifestações poéticas da canção popular de movimentos como o tropicalismo, já sobejamente estudado na interface com a poesia concreta.

O texto sobre o aniversário de 48 anos de Brasília, postado em 21 de abril de 2008, não é apenas emblemático. É um texto síntese da proposta verbal colocada ao longo dos anos pelo jornalista. A analogia, desta feita, é com a letra da canção de Gilberto Gil, *Batmakumba*.

Vejamos, primeiro, a letra de Gil e, na seqüência, o comentário de Josias de Souza.

Batmakumba

Batmakumbayéyé batnakumbaoba
Batmakumbayéyé batmakumbao
Batmakumbayéyé batmakumba
Batmakumbayéyé batmakum
Batmakumbayéyé batman
Batmakumbayéyé bat
Batmakumbayéyé ba
Batmakumbayéyé
Batmakumbayé
Batmakumba
Batmakum
Batman
Bat
Ba
Bat
Batman
Batmakum
Batmakumba
Batmakumbayé
Batmakumbayéyé
Batmakumbayéyé ba
Batmakumbayéyé bat
Batmakumbayéyé batman
Batmakumbayéyé batmakum
Batmakumbayéyé batmakumbao
Batmakumbayéyé batmakumbaoba

Brasília faz 48 anos e ingressa na 'Idade Média'

JK
Pó
Céu
Ermo
Sonho
Cerrado
Alvorogo
Niemeyer
Dá, não dá
Lúcio Costa
Modernidade
Mexe, remexe
Risca e rabisca
Ah! Plano Piloto
Ou vai ou racha!
Lobbies, trejeitos
Jeitinhos, arranjos
'Quanto levo nisso?'
Início do novo Brasil
O público privatizado
Desbravamento moral
Canteiro de obras: lama
Máquinas e tratores: lama
Movimentos pesados: lama
Uma cleptocracia emergente
País de inocentes e cúmplices
De repente, o cerrado vira mar
Mar de gente; humilde e ingente
Gente pungente; daqui, dali, d'acolé
Cimento, tijolo, ferro, aço e vidro
Suor, lágrima, 'concreto amado'
Grita, sussurra, bate e levanta
Horizonte largo, tempo curto
Correria, pressão, algaravia
Avenidas, prédios, euforia
Monumentos curvilíneos
Teatro, cixos, Catedral
Supremo e Congresso
O Palácio do Planalto
Praça dos 'poderes'
Lá se vão 48 anos
A cidade é duas
A modernidade
A Idade Média
Absentéismo
Clientelismo
Espertezas
Culpados?
Ora, nós!
O voto
Vesgo
Torto
Cego
Oco
Dá
Dó

Há similitude, mais do que há comunhão integral, abraçando o pressuposto verbivocovisual, alinhavado por Haroldo de Campos e liberto dos grilhões da integridade da palavra que sufoca a sonoridade (no caso de letra de Gilberto Gil) e da hipotaxe imperiosa, longe da qual, para muitos, não haveria produção jornalística, sobretudo em gêneros opinativos – haja vista o circunspecto editorial.

Uma assertiva final não poderia deixar de ratificar o caráter interdisciplinar, a mobilidade conceitual e a intermitente perspectiva sistêmica. O ‘caminante’ que procura seu ‘camino’ ao andar, do poema de Antonio Machado, é nosso farol. Conseqüentemente, seguindo as pegadas de Edgar Morin (1987, p. 25), ao se reportar a Nietzsche, o método pode vir no fim.

Referências

- AZEREDO, J. C. *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BENSE, Max. *Pequena estética*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem & outras metas*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CASTRO, G., GALENO, A. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- MELO, J. M. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3.ed. rev. amp. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MENEZES, R. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: CASTRO, G., GALENO, A. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- MOLES, Abraham. *O cartaz*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- MORIN, E. *O método I*. Lisboa: Europa-América, 1987.
- _____. *Introdução ao pensamento complexo*. 2.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- _____. *A cabeça bem feita: repensar a forma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- PENA, F. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PINHEIRO, Amalio. Huidobro: visualidade e mobilidade. *Face*. São Paulo, 1990, v. 3, n. 1, p. 61-72, janeiro/julho.
- SATO, N. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, G., SILVA, J. M. O que escrever quer calar? *Literatura e jornalismo*. In: CASTRO, G., GALENO, A. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- VENTURA, Z. *Jornalismo e literatura: alianças e diálogos*. In: CASTRO, G., GALENO, A. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- VICCHIATTI, C. A. *Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social*. São Paulo: Paulus, 2005.